

Obs: As notas de rodapé são observações da tradutora.

23.09.95

MILTON GURAN - Poisson, quer dizer, o dia 23 de setembro de 1975, 1995. Seria bom se estivéssemos em 75, a história seria outra, completamente diferente. Bom eu queria, primeiro, perguntar uma coisa sobre a situação geral dos mestiços, dos brasileiros no Benim. Bom, sabemos que, até a implantação da administração francesa, o mestiço, o brasileiro, compunha a camada mais desenvolvida do Benim, não é? Eles ocupavam o comércio, eles iam à escola, eles eram bem mais desenvolvidos como se diz. Mas, depois da chegada dos franceses, a administração direta dos franceses colocou um pouco de lado essa camada de brasileiros evoluída, como se diz, da administração do Estado e tudo o que eles têm de negócios, etc. Bom, eu queria vos perguntar qual foi a participação política e a situação social dos brasileiros no período entre guerras ou pós-guerras nos anos 45 e na transição para a independência. Se o senhor lembra um pouco disso.

EMILE POISSON - Ah, sim. As pessoas mais velhas na época, não tendo frequentado a escola francesa, não falando bem o francês, não puderam servir à administração nos serviços oficiais. Eu conheci famílias em Uidá - onde eu vivi - de portugueses, de sangue português. Os chamavam todos de agudás, generalizando, significando que eles não puderam participar da gestão dos negócios públicos porque não falavam francês. Mas os filhos deles foram à escola francesa, foram considerados como todos os outros daomeenses, como iguais na escola e puderam participar dos concursos, dos recrutamentos na administração. Eu conheço muitos De Souza, De Medeiros, Do Nascimento, Da Silveira, no ensino, na administração, porque eles foram à escola. Eles passaram em concursos, exames franceses. Quer dizer que seus pais, os velhos que eu conheci, não foram à escola francesa.

MG - Eles tinham ido à escola brasileira.

EP - Eles participaram muito pouco da gestão dos negócios. Entretanto, há comerciantes, padeiros, descendentes de escravos vindos do Brasil, que ocuparam empregos privados, operários qualificados, como se diz, mestre, e que eram chefes nos lugares, chefes carpinteiros, chefes marceneiros. Numerosos, que aprenderam seus ofícios no Brasil e que transmitiram a aprendizagem deste ofício a seus filhos ou a seus aprendizes. Durante muito tempo, os melhores operários eram aqueles chegados do Brasil. Eles eram os mestres dos ofícios. Eles participaram à vida econômica. Mas, não numerosos na administração direta. Agora, então, a mistura se efetuou entre os antigos brasileiros e um pouco mais. Muito diferente de uma época, evidentemente, os mais velhos que eu conheci eram os mais evoluídos. Nós não tínhamos universidades aqui.

Nós fomos para as escolas primárias, as escolas secundárias não existiam ainda. Tinha somente o ensino primário. O superior era o equivalente do secundário. Eu vivi em Uidá, nesse meio, onde o melhor padeiro era brasileiro. Agora, tinha também comerciantes, proprietários - proprietários de terrenos e plantações de coqueiros, coqueirais. Tinha os Pinto, Nascimento, Silveira, Dos Santos, Gima. Tudo isso são portugueses.

MG - Você diz, de certa maneira, eles constituíam uma espécie de elite intelectual e social, etc.

EP - E profissionalmente.

MG - Em 1946 tem uma mudança na política beninense, na medida em que teve a assembleia territorial, das representações, etc. Então, o jogo político, a bola ficou no terreno beninense mesmo. Nesse momento aí foram os brasileiros, os agudás, que constituíam certa forma de luta profissional e intelectual da época. Ela teve um papel especial, como no caso do Togo, ou o quê?

EP - Sim, teve um jornalista conhecido, Jean da Manta Santana que viveu em Cotonou e dirigia um jornal. E teve Santos que dirigia “A Voz do Daomé” e muitas dessas pessoas de origem portuguesa, brasileira participaram da vida política nascente diretamente ou indiretamente. Por exemplo, os Gonçalves. Tem Lazare dos Santos e por seus aportes pessoais e pelas ajudas financeiras dadas aos movimentos políticos para participar à eclosão política do país.

MG - Mas não como eleitos. Tinham deputados também?

EP - Oh, tinham. Eu, quando eu constituía as listas das eleições da assembleia territorial, eu levei na minha lista Virgílio de Medeiros que estava em Uidá. Ele não foi eleito. E eu tinha mesmo, sua mulher estava na lista. Como minha própria mulher que foi eleita e eu, eu fui derrotado nas primeiras eleições.

MG - Ah, sim?

EP - Sim, sim. Eu constituí uma lista em Porto Novo, em Cotonu.

MG - Sua mulher foi eleita e em [19]46.

EP - Sim, ela foi eleita no Conselho.

MG - Era em Uidá ou em Porto Novo?

EP - Eu, eu habitava em Porto Novo, na época.

MG - Ah, o senhor habitava Porto Novo. E o senhor era candidato em Porto Novo.

EP - Na região de Cotonou. Minha mulher era candidata em Porto Novo. Alguém me devia (???)¹. Em compensação, teve mais tarde uma renovação da assembleia territorial, teve descendentes de portugueses. Tinha Almeidas eleitos na assembleia territorial. Não tenho os nomes na cabeça.

MG - Eu vou encontrar isso na assembleia nacional. Bom, tentar estudar um pouco tudo isso. Porque me dizem frequentemente que pouco a pouco onde a política beninense se desenvolveu um pouco, é mais beninense, mais brasileira, fomos de mais em mais colocados de lado e quando veio o regime do general Kérékou, então os brasileiros foram considerados estrangeiros, ou bem burgueses, pessoas que sempre exploraram o povo, ou bem pessoas que, bom, é preciso desconfiar, porque eles não são daqui.

EP - Mas tinha certa suspeição contra certas personalidades na medida onde seus nomes representavam uma classe da burguesia muito rica. Por exemplo, De Medeiros. Em compensação, tem uma família muito importante, os De Souza, que ocupou a maior parte dos postos de trabalho na administração em Cotonu, Allada, um pouco em toda parte.

MG - Sim, o tal general De Souza.

EP - O general De Souza, Ele tinha a cidade que era a antiga capital. Um intérprete, que ficou dezenas de anos, Jérôme de Souza. Seus filhos estavam na administração também. Tinha em Cotonu o principal intérprete do chefe da região, diziam comandante do círculo. Era José de Souza. Tinha De Souza um pouco em toda parte.

MG - No regime Kérékou?

EP - Antes do regime Kérékou.

MG - Antes do regime Kérékou.

EP - Sim, e evidentemente, sob o regime Kérékou sentimos o regime que colocava de lado os descendentes dos brancos. Eram suspeitos. Como eu mesmo, éramos suspeitos, sobretudo porque não formávamos um partido para a revolução marxista leninista.

MG - O senhor falou aí de De Souza. O senhor está sabendo que eles estão entronizando o Chachá VIII?

EP - Sim, eu soube. Eles estão fazendo, prepara-se. No começo de outubro, em Uidá.

MG - Ah, sim, é isso. No dia 7 de outubro.

EP - É isso, no sábado, 7.

MG - Eu, eu tento um pouco compreender tudo o que se passa com a família De Souza. Desde 1969 que eles não têm Chachá. Eles só têm regentes. Por que eles decidiram fazer um Chachá agora e não no ano passado? Não no ano que vem? Para mim, é agora

¹ Pontos de interrogação do manuscrito.

porque em dez anos passados eles não fizeram um Chachá, faz já quase trinta anos que não tem Chachá. É isso que me pergunto.

EP - Não tinha acordo. Não tinha acordo na família. Os De Souza do Togo queriam ser nomeados Chachá contra aqueles de Daomé, que reivindicavam a mesma honra. Agora, para escolher um Chachá, buscam de preferência eleger alguém que é rico, que tem meios de existência. Porque o chefe de família aqui é preciso que ele tenha meios de existência. É para responder a todas as atividades sociais da família.

MG - Bom, eles encontraram alguém de muito rico, Sr. Honoré, lá do Togo. Ele, ele é muito rico.

EP - Aqueles do Togo são os mais ricos. Os De Souza do Togo são mais ricos. Proprietário de grandes coqueirais. Mesmo a independência do Togo foi obtida graças à participação de De Souza Gonzalo. Eu esqueci o nome dele, mas ele contribuiu muito.

MG - Muito, muito. Ele tinha belos bigodes brancos.

EP - Eu o conheço bem. Eu o conheci bem. Eu era mesmo seu amigo. Eles são comerciantes, proprietários de plantações, enquanto que no Daomé eles são mais numerosos e eles não possuem tantos bens como aqueles do Togo.

MG - Sim, me disseram que o Sr. Honoré é o fornecedor de portas e janelas da francofonia. Todos esses prédios que fizeram aí para a francofonia, todas essas portas e janelas são fornecidas pelo Sr. Honoré de Souza.

EP - Eu não sabia.

MG - Pois é. E o que é interessante também, o senhor falou da oposição, de um conflito, uma oposição de regionalismo. Os De Souza do Benim e os De Souza do Togo. Mas ele vem do ramo do Chachá IV. Então, ele é um De Souza de origem beninense. Quer dizer que ele nasceu no Benim. Ele é um irmão do Parfait, que foi um vosso amigo que me disse. Eu esbarrei nesse jovem que me convidou a comer na casa dele, hoje um De Souza, e eu disse: “Não, não, eu não posso, porque sou convidado em Pahou pelo Sr. Poisson”. Ele disse: “Ah, eu o conheço bem, ele me fez curar um problema que eu tenho no pescoço aqui, ele era um amigo do meu pai, ele me deu um medicamento e blá blá blá”. E ele agora tem uns trinta anos. Ele é pequeno, então, eu penso que isso faz trinta anos. Ele disse, ele era amigo do meu pai. Meu pai gostava de comer em casa, tudo isso. Don, ele tem um filho caçula. É um jovem irmão do Sr. Parfait que vai ser o Chachá VIII.

EP - Sim, ele tem recursos e ele até prometeu construir a casa.

MG - Está fazendo, sim.

EP - Porque buscamos, os chefes da família, os chefes da coletividade familiar dependem muito do dinheiro pessoal para manter a família e, como os recursos da família não são mais como antigamente, as grandes famílias tinham propriedades e

escravos, depois da supressão da escravidão, os descendentes de escravos ficaram nos campos e traziam ao chefe da família óleo de palma, dinheiro. Isso não existe mais hoje em dia. Alguns descendentes de escravos tornaram-se proprietários de certas parcelas que eles cultivavam outrora. Dividiu-se a herança.

MG - Têm sempre muitos filhos, então eles dividem.

EP - Sim, é isso.

MG - Eu digo, o homem é rico, mas se ele tem quarenta filhos, ele vai dividir com quarenta filhos. Não tem mais rico. É preciso que um de seus filhos faça fortuna ele mesmo, eu digo.

EP - Sim. Os De Souza não estavam nos campos. Não eram eles que cultivavam, eles faziam os outros brasileiros cultivarem. Pois que não tem mais escravos...

MG - Isso fica difícil.

EP - Isso fica difícil. Os Chachá beneficiam de um favor particular. O primeiro Chachá, tendo sido enobrecido pelo rei de Abomé, os Chachá conservaram uma situação política privilegiada.

MG - Sim, é isso que eu queria saber nos últimos tempos também. Por exemplo, durante a independência, depois da guerra, essa política, ela se traduz no parlamento, por exemplo?

EP - Não, não. Ao contrário. A influência de Chachá diminuiu dia a dia.

MG - Agora o Chachá VIII, o senhor acha que ele pode ter um papel político como um chefe tradicional ou algo assim?

EP - Acho que não. Acho que eles não têm a intenção.

MG - Não é na intenção deles explícita, mas o senhor sabe, por exemplo, o Chachá, o chefe da família de Souza, ele julga os conflitos no bairro Brasil até hoje.

EP - Sim, sim.

MG - São quinze mil pessoas.

EP - Sim, isso conta.

MG - Isso conta.

EP - Sim, mas como a maior parte dos membros não estão mais em Uidá, eles estão disseminados pelo país ou eles estão no exterior. Tem muitos De Souza no exterior.

MG - Sim, muitos.

EP - Na África, na Europa.

MG - Sim, muitos, muitos.

EP - Acho que a influência do chefe de família é limitada à Uidá, no Benim. Mas não é mais como muito[?] sua influência moral evidentemente continua sempre vivaz.

MG - Sim, sim, sim.

EP - Como no mundo de hoje, as sociedades são mais fortes do que os indivíduos, as famílias que constituem as coletividades conservam, sobretudo, certa força moral.

MG - Sim, é verdade, força moral. Certa força real, porque a união faz a força, dizemos, é melhor que (???)². Tem um aspecto dessa eleição de Chachá que eu acho muito interessante, porque nós teríamos... como Parfait vem do ramo de Chachá IV. E Chachá IV é aquele que Behanzan executou. Porque ele propôs um protetorado português. E depois, ele mudou de ideia e ele o executou, e segundo a história da família que está lá, todos os bens de Chachá IV foram recolhidos e toda sua descendência foi presa e executada também. E tinha uma esposa que era uma grande feiticeira. Ela fugiu com seu bebê e se instalou em Aguê. E ela ficou nos templos e como ela estava nos templos, os homens de Behanzan não entraram e ela fez crescer seu filhinho lá. Ele se chama Fotou ou alguma coisa assim. Eu percebi que de certa forma é ele que cresceu no templo. Ele teve muitos, trinta ou quarenta filhos. E seus filhos fizeram muitos filhos. E então, o ramo Chachá IV agora é 40% dos De Souza do Benim.

EP - Sim, eu ouvi tudo isso.

MG - E como contar. E, então, eles fizeram o Chachá, que é alguém do Togo, então isso, ele tem o suporte dos De Souza do Togo, porque ele se estabeleceu no Togo. Mas ele é alguém daqui. Ele nasceu em Grande Popô. E por que ele nasceu em Grande Popô? Porque o ramo de Chachá IV até o presente eles não têm pouso em Uidá, porque todas as propriedades foram confiscadas por seus irmãos e pelos reis, e é por isso que eles nasceram em Grande Popô. Então, tem essa troca aí, e é interessante, eu perguntei ao senhor Prosper: “Mas porque o senhor vai entronizar um Chachá esse ano?”. Ele disse: “Ah, é preciso fazê-lo rápido, de outra forma, temos um problema. Porque faz já duas ou três vezes que vamos entronizar um Chachá, e ele morre. Então, antes que esse aqui encontre a morte, vamos entronizá-lo imediatamente, nesse mês de outubro”. Bom, eu, eu sou estrangeiro, eu, eu creio em tudo o que ele diz. Mas o Sr. Carl Emmanuel, por exemplo, é mais perspicaz. Ele conhece bem e ele me disse: “Ah, tem um problema porque, quando o Chachá IV morreu, ele tinha um filho que era um grande feiticeiro. Um grande vodounon³, e ele, ele queria ser Chachá. Mas ele não era escolhido. Então, ele matou seu tio que foi eleito Chachá, antes da entronização. Depois, escolheram um segundo, ele foi morto também. E então, escolheram um irmão dele. Ele decidiu matar seu irmão. Nesse momento aí, ele estava de moto na estrada e ele viu um espírito diante dele, que disse: “Você não pode matar seu irmão, não faz isso, você faz coisas más. Você utiliza seu poder no mau sentido. Porque não se mata um irmão”. “Você falou

² Pontos de interrogação do manuscrito.

³ Vodounon é o sacerdote máximo do templo na religião dos fom do Daomé.

direito”. Então, ele colocou um raio na boa e ele jogou um (???)⁴ sobre o espírito de seu irmão, e o espírito caiu do lado dele e o problema é que seu irmão, nesse momento lá de encantamento voltou [o raio] contra ele, e diante dos outros ele caiu no chão e ele teve um (???)⁵ e morreu. E disseram: “Allé”, ou alguma coisa assim. Ele fez um “allé”, e o encantamento retornou contra ele. É preciso enterrá-lo rápido, senão ele vai explodir. Ele vai inchar. Ele é levado à catedral, fazem a missa, mas já durante a missa ele começou a apoiar muito forte, a inchar. Dizem que é preciso fechar o caixão, levá-lo no cemitério rápido. Então, o padre terminou rápido a missa, fecharam o caixão e rapidamente partiram para o cemitério. E no meio do caminho, ele explodiu. Isso foi nos anos 70. Então, eu procurei lá, na genealogia dos Chachás, e isso é uma história da qual ninguém fala para ninguém. Quer dizer, foi o Sr. Richard de Souza, que era um companheiro, um companheiro de seminário de Carl Emmanuel, que contou-lhe essa história. Mas ele, ele conhece a história. Mas ele não conhece os detalhes. E eu digo, é preciso saber um pouco mais sobre isso, para compreender bem é preciso perguntar à Emile Poisson. Sr. Poisson, então, pode retomar rapidamente [essa história]?

EP - Nós estávamos no De Souza.

MG - A história do Chachá, do Chachá IV. O senhor me disse que não conhece essa história e não acredita nela.

EP - Eu não acredito. Tem um pouco de verdade, que, entre os De Souza há um pouco de ódio, rancores. Falamos de tentativa de assassinato e eu não acredito muito porque aqui, no nosso país, no Benim, no Daomé, nenhuma morte é natural. Atribui-se sempre a morte a alguém, um feiticeiro, um malvado, um *vodunon*⁶, *boconon*⁷. Exagera-se. É preciso sempre encontrar um responsável, um assassino. Então, as pessoas procuram o *boconon*, tudo isso. E é mal porque isso cria a discórdia nas famílias, ódio nas famílias, que sobrevivem, não é a vida de cada um.

MG - Os filhos de Parfait me disseram que há uns vinte anos, ele era o regente ou alguma coisa assim, e colocaram um prato diante dele, em uma reunião de família, e ele sentiu mal o prato, ele não comeu, e o prato estava envenenado. Depois disso ele se destituiu de seu posto de regente, ele não queria mais ficar no escritório, etc., ele estava enjoado, ele não voltava a si, ele não foi para Uidá, ele se afastou um pouco. Então, tem sempre uma história.

EP - Tem sempre uma inquietude, um medo de ser envenenado...

MG - E isso existe, envenenam mesmo as pessoas ou é...

EP - Sim, isso existe, mas é muito raro. Mas as pessoas acreditam que em toda parte existem envenenadores, e que em cada família um quer eliminar o outro. Eu não digo que isso não existiu em todas as famílias do mundo.

⁴ Pontos de interrogação no manuscrito.

⁵ Idem.

⁶ Vodunon é o sacerdote máximo de um templo de vodun.

⁷ *Boconon*: charlatão.

MG - Claro.

EP - Existem envenenamentos no coração dos países na Europa. Coisas podem acontecer, mas o mundo inteiro não é composto de assassinos.

MG - Tem também a proteção.

EP - Sim, procuram muito os assassinos. Ah, sim, não tem. Não fazemos a guerra aqui pelas eleições. Não matamos no Benim. Nós somos um povo pacífico. Bom, tem bandidos, assassinos, ladrões, e eles estão escondidos. Se tivessem tantos ladrões assim, tantos bandidos, assassinos, faríamos a guerra. É o país mais calmo, entre o Gana e...

MG - Da costa.

EP - E a Nigéria. Nós somos o país mais calmo. E lá onde as pessoas acham que tem assassinos, envenenadores, eu não acredito muito.

MG - Eu cheguei ao Benim e fiquei surpreso, primeiro pela calma, as pessoas são tranquilas, tudo funciona bem, e não vemos muitos guardas, muita polícia. Então, eu perguntei aos meus amigos beninenses: “Mas não tem polícia?”. Eles disseram: “Ah, não, não, não tem”. E eu disse, então, não tem ladrões?”. Eles disseram: “Os ladrões, quando são pegos, batemos neles até a morte”. E eu digo: “Ah, bom, então não tem ladrões”.

EP - É verdade que nesses últimos tempos, diante da impotência do poder para parar certos ladrões, a população se pôs a linchar. É uma coisa ruim, porque às vezes se lincham inocentes.

MG - Sim, totalmente. Eu, eu não sou a favor dessa história de...

EP - Evidentemente isso não limita os casos de roubo, o medo do guarda. Mas, de fato, é um princípio que não se pode encorajar.

MG - Bom, de jeito nenhum, porque se mata sempre o ladrãozinho.

EP - Não tem mês que não ficamos sabendo de um ladrão que foi linchado pela multidão. Algumas vezes aquele que é linchado não é um grande ladrão, é a sequência...

MG - É claro que ele não é o grande ladrão.

EP - É o pequeno. O grande, ele se vira e desaparece.

MG - Não o encontramos. Bom, eu encontro o senhor em boa saúde, em seu 91º aniversário. O senhor viveu muito tempo em Porto Novo. Todo mundo o conhece lá e fala do senhor de uma maneira ou de outra.

EP - Sim, eu fui para Porto Novo com a idade de sete anos. Eu dei aulas em Porto Novo, era professor em 1925.

MG - Ah, então o senhor se lembra da guerra muçulmana que opôs o senhor Ignacio Paraíso aos muçulmanos de lá.

EP - Sim, mas não nos detalhes. Eu sei que teve uma oposição muito grande entre os muçulmanos, eu passei dois anos e eu fui nomeado em Cotonou, e eu estava frequentemente doente e pedi para ser enviado para Abomé. O clima não me convinha mais. Mas preferiram me enviar para Grande Popô. Então, esse lugar (???)⁸ em Uidá. Então, de Uidá eu parti doente, para o hospital de Dakar. Hospitalizado em Dakar duas vezes. Eu devia ir à França. Mas eu pedi permissão para ir à França, que me foi recusada. O serviço médico me prescreveu um repouso de convalescência com uma temporada na França. O governo do Daomé recusou.

MG - O governo do Daomé francês, na época.

EP - Sim, recusou. Então, eu pedi minha demissão.

MG - O senhor é cidadão francês?

EP - Sim. Eu parti para a França. Eu tenho a dupla nacionalidade. E a assembleia nacional acaba de votar uma lei proibindo aqueles que têm dupla cidadania de ser eleito para a presidência da República. Na próxima eleição, eu não poderei ser candidato, eu não renuncio à nacionalidade francesa.

MG - Isso é uma pena para o Benim. É realmente uma pena.

EP - Tenho a dupla nacionalidade aqui.

MG - Adrien Houngbédjé ele tem a dupla nacionalidade?

EP - Sim.

MG - É por isso, então.

EP - Ele e quase todos [os outros].

MG - Talvez o presidente Soglo.

EP - Sim, também, certamente. Mas ele está em seu último mandato. Isso não o atinge.

MG - Tem a reeleição, o presidente Soglo. Ele tem o segundo mandato.

EP - Ele tem chances de passar.

MG - Ah, sim, completamente.

EP - Ele tem chances de passar porque a oposição está dividida, e atualmente, como ele ficou no poder por alguns anos, ele recebeu bastante crédito externo para fazer obras. Isso conta muito também.

⁸ Pontos de interrogação do manuscrito.

MG - Tem a francofonia.

EP - Francofonia que vai dar certo, sim, dá bastante certo, aumenta um pouco a popularidade, e eu não entendo muito bem como a francofonia é organizada, falam bastante disso e o país não está envolvido aparentemente.

MG - Aparentemente não concerne o país. Tem fundos enormes que vão entrar, porque fazem obras por toda parte. Cotonu está em obras em torno da francofonia. Mas é verdade que os debates no jornal, nas notícias na televisão, as informações não falam sobre isso, o país não está envolvido.

EP - Não concerne o país, não falam sobre isso. Eu tive a ocasião de falar sobre isso com certas pessoas próximas ao poder. Disseram-me que iam alertar os prefeitos. Os prefeitos não estão a par, os nossos prefeitos também não. A população não está a par. Então, no meu espírito, eu achava que íamos remexer a população assim. Porque, para mim, a realização de um encontro da francofonia no Benim é um fato histórico de primeira grandeza que não se reproduzirá mais. E, no entanto, parece que consideram como uma visita de chefes de Estado estrangeiros ou chefes de Estado do Benim ao governo do Benim. Enquanto que eu pensava que era uma visita da francofonia a todo povo do Daomé.

MG - Sim, é uma visão muito mais democrática a vossa.

EP - Sim.

MG - Isso faz parte de vossa sabedoria política.

EP - Não, eu tive a ocasião de falar sobre isso. Eu até sugeri de organizar uma manifestação nos vilarejos, uma feira agrícola de algo importante, na ocasião das jornadas da francofonia. Eu perguntei sobre a demanda, preveni as pessoas próximas do poder, que não se ocuparam disso. Peguei como patrocinador desse negócio a União dos Gléhouénou. Associação do desenvolvimento de Uidá, que apresenta a coisa. Eu sou apenas um (???)⁹, eles não entenderam muito a importância disso. Não acontecerá, é uma pena.

MG - Ah, sim, é uma pena.

EP - Uma feira agrícola na região, o terreno vago com água do rio de um lado, a estrada de outro, onde eu faria construir um castelo *Shamba*¹⁰ do Norte. Um gênero, um pequeno Shamba, a população a mais atrasada aparentemente, não é? Eles têm uma concepção de equipe bastante superior àquela de todos os outros Estados daqui. Mas um castelo Shamba na beira da estrada, que seria visitado por todas as pessoas que vêm do Gana, da Nigéria, tendo ao lado uma floresta que vamos povoar de bestas, gazelas, animais selvagens cercados por uma cerca, que poderiam ser visitados.

⁹ Pontos de interrogação do manuscrito.

¹⁰ Termo africano.

MG - É uma boa ideia, hein.

EP - Com a possibilidade de fazer jogos sobre a lagoa, corridas de canoa – digamos uma canoa para cada Estado. São 45 chefes de Estado, 45 canoas, que correriam, com o pavilhão de cada nação acima, e um concurso, alguma coisa assim. Imagine tal coisa!

MG - Ah, é bonito.

EP - Sim, mas eu fiz um programa que teria sido alguma coisa nova, porque eu organizei quando era prefeito de Uidá, a primeira vez que aconteceu em Uidá, uma feira de exposição que teve um grande sucesso, que foi inaugurada não somente pelo presidente da República, mas com a assistência do presidente da República do Niger, o presidente da República do Mali, e um ministro de Estado enviado por Félix Houphovet Boyo, da Costa do Marfim. E, se o chefe de Estado do Senegal e da Guiné não vieram, foi apesar de mim. Porque parece que preveniram o chefe de Estado sobre a sugestão do ministro de Finanças. Ele tinha enviado um telegrama para dizer (???)¹¹, porque não tinha alojamento para eles. Embora eu tivesse feito o levantamento da quantidade de vilas em Cotonou, Uidá, Sègbohoulé, para alojar todo esse mundo. Não me avisaram isso. Disseram: “Poisson, ele vê grande demais, ele convida pessoas de todos os lados”. (???)¹² que eu conheço pessoalmente. Ele teria vindo aqui e ficaria muito feliz de viver o campo. Eu, eu não os alojaria em Cotonou, eu pegaria uma família na minha casa, tenho duas vilas desocupadas lá. E quatro apartamentos na casa de um tio. É suficiente alimentar as pessoas, basta lhes dar um carro. Eles ficariam contentes de viver o campo, de serem recebidos no campo pelos camponeses, comer coisas do país. Eles poderiam comer o *cavilla*.

MG - Ah, é perfeito.

EP - Se eu tivesse encontrado o presidente da República e explicado, talvez isso teria sido aceito. Mas eu achei que tinha encontrado uma reunião de técnicos, um colaborador no poder, pensando que esse negócio seria organizado e apresentado ao presidente. Mas eles não entenderam. O negócio caiu. Ele me mandou uma carta para me dizer de adiar esse evento para o ano que vem.

MG - Ah, ah, ah! O ano que vem não tem francofonia! Senhor Poisson, deixe-me perguntar ao senhor uma coisa. Porque estávamos bem em Uidá. Me dizem que em Uidá, tem dez ou doze clãs, e que as pessoas que não têm clã no país, eles são talvez – eu vou tentar pronunciar o nome, hein – é *Ahouéwouménou yovo*, alguma coisa assim.

EP - *Ahoumenou yovo*¹³.

MG - *Ahoumenou yovo*. O que é isso exatamente? Eu vejo sobre os portais das casas, em Uidá. E o que isso quer dizer, essa história de clãs?

¹¹ Idem a nota 8.

¹² Idem.

¹³ Termo na língua fom, do Daomé.

EP - *Ahoumenou yovo*. Quer dizer que você é aquilo que você veste, ora. Quer dizer que você é de uma classe superior, como os brancos, que se vestem da cabeça aos pés. Enquanto que o negro, outrora, usava apenas um pareô, e tinha o torso nu. Mesmo as jovenzinhas, menos as mulheres.

MG - Quer dizer que você se veste como os brancos, você sai como os brancos, e isso inclui todos os cidadãos franceses, os agudás, não é?

EP - Sim, antigamente o europeu se vestia com paletó e calça há muito tempo e o africano hoje se veste assim. Mas antes, quando os habitantes de Uidá receberam os brancos, eles se vestiam ligeiramente, apenas os grandes dignitários tinham um pareô. (???)¹⁴ do rei Behanzin. Uma túnica. Mas esses chefes tinham apenas os pareôs aí, as pessoas estavam nus.

MG - Sim, sim.

EP - Os torsos estavam sempre nus, entre as meninas, os seios nus. Apenas as mulheres escondiam seus seios, e nem todas.

MG - E, além disso, a sociedade em Uidá, lá, é dividida em clãs. Como assim? É por isso que encontraram esse clã para os mestiços, os portugueses?

EP - Ah, sim. Porque, geralmente, todos aqueles que se vestiam eram mestiços, mulatos. Eles se vestiam e tinha também alguns dignitários do país que se tinham assimilado a esses *Ahoumenou yovo*. Geralmente são os *yovo* que se vestem. E lhes acordavam uma nobreza por isso. Mais você se veste, mais você está no campo superior, *Ahoumenou yovo*.

MG - Tem sempre essa ideia de ser superior.

EP - E tem o povão que a principio se veste pouco.

MG - E como... O senhor conhece o nome dos outros clãs? Os outros clãs do povão.

EP - Não, eu não entendo muito bem o que o senhor pergunta, os nomes de...

MG - Não tem na ideia que essa gente aí, eles representam um clã, uma reunião de indivíduos que tem a mesma origem?

EP - Não. Mas sim, a mesma origem, mas o resto é o povo.

MG - Não, mas entre o povo mesmo, eu reconheço que há, eu, eu não pronuncio muito bem o nome aí, mas tem, por exemplo, os *Ayato*, os *Ananou*, os *Aguénou*.

EP - Ah, sim, esses são clãs.

MG - Isso são clãs.

¹⁴ Idem.

EP - Ah, sim. Ananou.

MG - Tem os *Adjikouin*. São grupos de indivíduos que reconhecem que têm uma origem comum, mas...

EP - Sim.

MG - Aí, no nível do ancestral deles, no nível do antepassado primitivo, ou quase...

EP - Ou bem do lugar de onde ele vem.

MG - De onde ele vem, é isso.

EP - Meu avô, o pai da minha mãe, ele se chamava Léhoué e Aïdjikinmènou. Kimè é um lugar, como sua propriedade, como a gente diz para os nobres.

MG - Até o destino. Não é um bom exemplo.

EP - É, digamos, senhor de Monkpo, Monkpo de onde você vem.

MG - Sim, sim, totalmente.

EP - Sim, você vem de Monkpo. É isso. É de, originário de. E dizemos na língua, fazemos louvores. *È mlan me*. Louvamos alguém por suas origens, sua superioridade, ele vem de uma região importante. *Kinmènou*.

MG - Todas as famílias têm louvores?

EP - A maioria.

MG - A maioria. Bom, tem uma coisa que busco a história, talvez de meio dia às duas horas. Mas podemos fazer a conversa também. Bom, tem esse aspecto que os mestiços e os descendentes de antigos escravos, etc., pessoas mais evoluídas, os Agudás, etc., eles eram um pouco superiores. Mas, em compensação, eles são vistos, no país, como escravos até hoje. E fala-se isso. Vários descendentes brasileiros dizem isso: “Porque me chamam de escravo na escola, e isso não é correto. E eu não sou escravo, porque a origem da minha família é assim, assado”. E eu pergunto isso frequentemente aos brasileiros e eles dizem: “Sim, sim, mesmo nos mercados por aí”. Madame Epiphane Paraíso, que o senhor conhece, ela também me contou uma história muito viva, que mesmo no mercado, quando temos a pele clara, e então temos um tipo, mestiço, dizem: “Ah, você vem de (???)¹⁵, você tem navios negreiros ou você tem escravos. Você foi lá e se misturou com os brancos, porque você é escravo”, etc. Então, tem essa divisão. E com os fom, eles dizem: “Sim, é verdade, mas só falamos isso se os agudás dizem que somos selvagens, ignorantes”.

¹⁵ Idem.

EP - Sim, não falamos isso com frequência. É só no momento das disputas, cada um quer se categorizar. Mas não dizemos.¹⁶

MG - Sim, não é uma coisa de todos os tempos, não é uma disputa permanente.

EP - Em caso de disputa, desacordo grave, alguns querem dizer, querem te colocar no seu lugar: “Você é isso, você é aquilo. Você é descendente dos escravos do meu avô”. Eu tenho aqui, em minha casa, escravos da minha avó, descendentes de escravos de minha avó.

MG - Que pegaram o nome Poisson?

EP - Não, eles guardaram o nome da família. Os compraram. Os descendentes. E tenho uma menina aqui que casou com o filho mais velho de minha irmã. Pois é minha avó que comprou seu pai. Nós vivíamos juntos. E o homem acha que a menina lhe convém, ele casa com ela, quer dizer, a relação de escravo desaparece do fato que a mulher torna-se a esposa da casa. Os filhos que nascem desse casamento são considerados como filhos da casa, que eu crio, e seus primos, que estão em Cotonu. Porque eles têm aborrecimentos, eles vieram me pedir ajuda. E eles se consideram já como meus aliados, e eu me vejo moralmente obrigado de ir ao socorro deles, se jamais eles têm problemas. A menina vem me ver. E ela é a filha de uma professora daqui, cujo pai morreu, ele era um amigo de caça de meu irmão mais novo. Quando ele era novo, ele ia caçar em Dassazoumè, Pahouignan, lá na floresta, nas montanhas, caçar de noite, com o avô dessa menina. Então tem uma amizade que se criou entre os caçadores. Os caçadores são uma confraria, dita Gbéto, muito respeitada. Os caçadores que matam as bestas à noite”.

MG - Eles são admiráveis.

EP - São pessoas admiráveis, respeitadas. Então, essa amizade entre meu irmão mais novo e o avô dessa jovencinha aí, ficou. E quando a mãe foi nomeada professora em Fahou, seu pai veio lá de Savalu me ver, para me dizer: “Minha filha foi nomeada no seu vilarejo. Ora, eu te conheci na infância, nós brincamos juntos nas montanhas de Pahouignan, de Savalu. Minha filha foi nomeada em seu vilarejo, eu a coloco sob vossa proteção”. E quando ela tem problemas, ela precisa de dinheiro no fim do mês, se ela está doente, ela me escreve, porque é a filha de um amigo de infância. E seus filhos vão à escola, eles estão na escola técnica de informática, etc. Eles vêm me prevenir como um papai. Eu sou o protetor.

MG - É bonito isso. Isso vos cria laços.

EP - Laços, porque tem uma amizade de infância, do fato que a gente caçava junto. É uma amizade, eu não digo profissional, mas de estado de caçador. Então, portanto, tem uma quantidade de laços tecidos à minha volta, e tem também laços de fetiche. Meu avô tem também fetiches em Uidá. Fetiches para as crianças que morreram. Então o chefe

¹⁶ Aqui tem uma frase escrita na entrelinha, ligada à palavra categoria por uma seta: “Você é um escravo”.

fetichista¹⁷ desse fetiche considera que eu, eu sou descendente de alguém que criou a confraria. Eu lhe devo amizade. E quando eles têm cerimônias, eles me chamam, eu assisto, ou envio dinheiro, eu participo. Trata-se de uma confraria fetichista, mas essa confraria foi criada por meu avô. Meu bisavô está em Uidá. Sou sempre considerado como membro dessa confraria. A confraria se considera sempre como parente aliado.

MG - São várias identidades que temos, não é? Do lado de vosso avô, por exemplo, o senhor tem toda uma identidade que não podemos perceber quando o olhamos com vossa outra identidade. O numero do mundo, o numero (???)¹⁸ se você quer, etc. São várias identidades.

EP - Portanto, nós temos um chefe dos fetichistas em Uidá. Ele se chama Hounon. Ele foi convidado aos Estados Unidos, ele partiu. Ele é o chefe fetichista de todos os fetiches da região. E ele foi convidado por não sei quem a ir lá. Cada vez que tem cerimônias lá, eles me avisam. E eu envio minha participação quando eu não posso assistir. Nós mantemos esse laço que é circular, sempre. Eu sou católico, assim mesmo.

MG - Mas isso não é nada.

EP - Eu sou católico, mas eu participo de atividades na seita, na religião do fetiche, que não é somente uma religião, isso se torna um tipo de, um clã social, a religião, não é somente a religião aqui. A religião também tem tentáculos sociológicos, sociais. Nós somos quase que como parentes distantes, mas parentes assim mesmo. Então, todos os laços são tecidos em volta de cada personalidade e, portanto, quando você respeita as regras, o costume, você deve viver assim. Entretanto, tem pessoas que não respeitam, que vivem como vocês, os grandes yovos.

MG - Entre nós também, tem aqueles que se ocupam da tradição.

EP - Em vosso país a tradição conta?

MG - Ah, sim, conta.

EP - É o que faz com que esse país se segure ainda. Esse país, o Benim, se segure ainda. E que nós temos o vento (???)¹⁹ no meio internacional, é porque essas coletividades familiares conservam esses laços. Esses laços afetivos nascidos das religiões, nascidos do clã e tudo isso. Isso faz com que o país não seja completamente fora do eixo e tenha uma solidariedade que nasce desse estado de coisas. É uma solidariedade, ajudamos, precisamos ajudar uns aos outros. Quer dizer, tem exatamente a partilha. Nós partilhamos o que possuímos em favor de todos aqueles aos quais somos ligados. Então, não me consulto inteiramente sem pensar que eu pertença a um clã, a associações, a grupos de família aos quais eu devo assistência e proteção eventual. O senhor vê?

¹⁷ O termo em francês relaciona-se ao *fetiche*, *féticheur*, o sacerdote que comanda o culto dos voduns, ou *vodunon*.

¹⁸ Pontos de interrogação no manuscrito.

¹⁹ Idem.

Então, esse país tem alguma coisa que a Europa não tem mais. Na Europa, os laços familiares se afrouxaram, a individualidade avança, não é verdade?

MG - Sim, é verdade.

EP - No Brasil tem ainda laços porque as religiões por lá, por exemplo, a religião católica existe e, do lado, tem a religião dos negros importada nesse país. E teve uma mistura, um sincretismo, não é verdade?

MG - Sim, é verdade, totalmente verdade, a religião negra é misturada com a religião indígena também, que é no mesmo sentido.

EP - É isso que se chama sincretismo.

MG - Sim, é o sincretismo.

EP - E, em vosso país, isso mantém os laços.

MG - Sem dúvida.

EP - E nós temos aqui fetiches que existem no Brasil.

MG - Sim, os mesmos.

EP - Orixá, por exemplo.

MG - Sim, nós temos lá.

EP - Vocês têm.

MG - Oxalá, Omolu, Ogum, tudo isso. São os mesmos nomes, aliás. Nós conhecemos mais os nomes Iorubá que os nomes Fon. Mas são os mesmos fetiches, as mesmas ideias.

EP - E no Caribe também.

MG - Sim, no Caribe também. Pierre Verger estudou bastante essas questões, lá no Brasil. Ele me ofereceu um grosso livro dele. Ele escreveu vários livros, ele me ofereceu um. Eu não perguntei vosso nome, por favor²⁰.

NILTON RIBEIRO - É Nilton Roberto Ribeiro. Eu marquei em um papel para o senhor. O senhor quer que eu anote mais uma vez? Eu vou fazer isso. Vou fazer agora mesmo. É aquele negócio da igreja. Eu vos sirvo um pouco aqui?

EP - Pegue uma cadeira e...

NR - Não, não, está bom assim.

EP - Fazem o serviço de refeição aqui?

²⁰ O pesquisador dirige-se à uma terceira pessoa.

MG - Não, não, não a refeição. Bom, tem quartos com uma sala de banho, é muito limpo, é bastante barato com relação a um hotel, mas não tem restaurante.

EP - Foi o arcebispo que fez isso.

MG - Foi o arcebispo que fez isso, sim.

EP - Sim, é bom, fazemos reuniões aqui.

MG - É tem uma sala de conferência, tem uma pequena sala de reuniões, tem andares. Tem até um lugar por fazer refeições, tem uma cozinha industrial, e bem, tem um refeitório.

EP - Podemos ir lá.

MG - Sim, mas ele não funciona. Não é operacional. Eu acho que, bom, eles não querem fazer isso.

EP - Então, o senhor se vira.

MG - Sim, eu como do lado. E nas barraquinhas²¹. Eu sou obrigado, hein. O senhor conhece o padre Dupuis?

EP - Sim, muito. Eu moro do lado.

MG - Não é longe daqui.

EP - Não, não. Eu até jantei com ele. Ele passou um dia, leu um livro que foi publicado há não muito tempo. Eu vou comprá-lo, aliás. Onde se fala da África, da política africana. Nesse livro, dizem: “Senhor Poisson, senhor Hazoumé, que escreveu Doguicimi, tomaram posição contra o primeiro deputado de Apithy, por pressão da igreja católica. Porque Apithy votou contra a liberdade de ensino na primeira constituinte. Eu disse: “Isso me surpreende, eu nunca soube que a igreja católica fez pressão contra o senhor. É verdade? Eu assumi uma posição pessoal”. Eu contribuí para eleger o deputado Apithy. Ofereceram-me para ser deputado. Eu disse não. Mas Apithy está presente. Ele tinha um (???)²² Padre Aupiais.

MG - Sim, eu vejo.

EP - Votamos nele, padre Aupiais é um padre, pois que ele tem o centro social, ele está muito ocupado em conhecer a história do Daomé. Ele faz muito para conhecer o Daomé na França. Então, o país o recompensou. Acham que a igreja social é a igreja.

MG - Eu também, hein.

EP - Eu não sou pela escola de Estado sozinha. Nós aproveitamos disso aqui. Nós tínhamos escolas religiosas antes da escola laica. Os primeiros institutos, eles eram

²¹ O pesquisador diz “maquis”, terra inculta.

²² Pontos de interrogação do manuscrito.

formados pelos padres, é a escola livre, privada. Então, na França, numa época que fizeram a constituição, enviaram os primeiros padres de Daomé, africanos, para lá. O Estado francês, a esquerda, tem uma escola oficial pública única, e a supressão das escolas privadas. Então, o deputado Apithy, que foi criança das escolas privadas aqui, que se tornou monitor, que foi estudar com o padre Aupiais, que foi formado graças às escolas privadas, vota lá com os socialistas e os comunistas, contra a escola privada. Eu disse: “Não, podemos ser socialistas na França e não votar as coisas da França [aqui]. Na França, a escola privada, a escola pública sozinha, isso se compreende na França, mas, por aqui...”. E como ele é enviado como deputado daqui, eu achei que ele fez mal em votar pela supressão das escolas privadas.

MG - É a supressão das escolas privadas, ou a supressão da subdivisão da região, pública, a subdivisão da escola privada²³.

EP - Subvenção para a escola pública e depois possibilidade de suprimir a escola privada. Possibilidade.

MG - Porque a escola pública é a escola pública. O dinheiro público é para a escola pública, e o dinheiro privado para a escola privada, é bom.

EP - Não, eu vou mais longe. E o Estado deve subvencionar como ele quiser a escola privada que ensina e paga os professores. Toda a elite de Daomé se formou na escola católica. Aí, de um dia para o outro, ficamos sabendo que nosso deputado, ele vota pela supressão da ajuda às escolas. Nós não damos muito. Aqueles que receberam o certificado de estudo, damos a eles uma pequena soma. No ensino secundário. O Estado não ajuda a escola primária. O Estado ajuda o ensino secundário. Um pouco de subvenção. Suprimir tudo isso, é incompreensível aqui. Então eu tomei posição contra ele. Então, no livro que foi lançado, o autor diz que foi sobre pressão da igreja católica.

MG - Não é uma questão de pressão.

EP - Não, não, eu não vi padres para isso. Eu tomei a decisão só. Então, ele crê que é a igreja católica e Paul Hazoumè, eu não acredito. Ele foi bem ajudado pelos padres, ele foi estudante na escola de padres. Ele escreveu livros, os padres o ajudaram. Mas os padres nunca fizeram pressão sobre Paul Hazoumè, e ele defende a escola livre. Ele veio me ver, ele disse: “Veja, esse livro, eles escrevem isso”. Eu disse: “Não, meu pai, você pode escrever ao autor que eu sou atualmente independente e que não recebo nenhuma pressão de quem quer que seja. Eu digo as minhas ideias”. Se eu me encontro de acordo com os padres é outra questão, não é porque...

MG - Não é pressão.

EP - Então, eu devo comprar o livro brevemente, e vou escrever para dizer: “Na próxima edição, o senhor diz que neguei o fato que o senhor me imputou. Eu faço isso

²³ Aqui as palavras “da região, pública” estão na entrelinha acima de “a subdivisão da escola privada”, a frase está confusa.

livremente, eu não recebo nunca pressão, nem mesmo pressão financeira”. Uma vez um ministro me propôs dinheiro, um ministro na França me propôs dinheiro, não é mal poder pagar a viagem de sindicalistas de Daomé levados à França. Não é mal. Eu recusei, eu disse: “Eu nem quero”. Ele disse: “Eu não tenho dinheiro para que você (???)²⁴. Mas o senhor virá me ver, eu vou ver minhas caixas em minhas gavetas, se tem alguma coisa eu vos dou, o senhor vai se virar com isso”. [Eu disse:] “Se o senhor paga a viagem dos sindicalistas, o senhor paga diretamente a viagem. Eu digo, eu posso ser sindicalista. [Mas] O senhor me remeter o dinheiro, isso cheiro mal”. É um ministro socialista. Eu não pego dinheiro para ajudar. “Se o senhor quiser pagar a viagem para os sindicalistas de Daomé, me remeter o dinheiro, presentes para vos ajudar um pouco...”

MG - Para cooperar na França.

EP - Aí está! Presentes que eu posso guardar no meu bolso. Isso é até mesmo um pouco comprometedor.

MG - Totalmente.

EP - Até aí, o senhor vê, eu jamais aceitei as pressões. Isso não facilitou as coisas sempre para mim, porque isso me incomodou na minha vida. Eu recuso toda pressão.

MG - Mas o senhor tem totalmente razão. E a prova é que o senhor está aí tranquilamente em vossa palhoça, diante de vossa cerveja, sem nenhum problema. É isso.

EP - Eu fui ministro. Eu poderia aproveitar a ocasião. Eu tenho grandes comerciantes, tem um milionário de Porto Novo que tinha vindo me ver, pessoas que votavam em mim, me ver. Eles estavam condenados a pagar x milhões à alfândega. Se você pode intervir junto às autoridades para que suprimam milhões, vos darão a metade. Eu disse: “Não, senhores, saiam de minha casa, dirijam-se à porta”. O senhor crerá que sou como [fulano], [aí] eu citei um nome, como senhor (???)²⁵. Vai vê-los. Eles vão fazer isso para o senhor, mas eu, eu não faço isso”. Assim, desde então, eles estão bravos comigo, eles não votam mais em mim. Eu não aceito que me proponham dinheiro para render serviço.

MG - Ah, sim, porque na verdade eles tentam vos comprar, e isso não é nada bom.

EP - Se eu tivesse feito isso para ganhar dinheiro, eu teria casas em Cotonu como muitos outros. Eu teria dinheiro na França, em um banco.

MG - Mas para quê isso? O senhor está bem aqui em Cotonu.

EP - Eu estou tranquilo, eu não devo nada a ninguém e a rica (???)²⁶, mas isso não me diz nada. Se eu tenho dinheiro, tudo bem, se eu não tenho, eu vivo do mesmo jeito.

²⁴ Pontos de interrogação do manuscrito.

²⁵ Idem.

²⁶ Idem.

Posso viver feliz sem dinheiro, desde que eu trabalhe, que viva na busca contra a corrupção. Isso me choca muito, porque o mundo de hoje tornou-se um mundo corrupto e para chegar até lá, com frequência é preciso estar no meio das manobras.

MG - Sim, é muito desagradável. É muito desagradável.

EP - É muito desagradável.

MG - Acabamos por nos misturar com negócios que não trazem felicidade nem boas coisas, só dinheiro, dinheiro.

EP - Eu, eu sou muito independente. Então, quando me atribuem que seja objeto de pressão religiosa...

MG - Eu posso resumir, tem um escritor de (???)²⁷. É muito interessante como romance, não?

EP - Sim, o senhor leu, não?

MG - Sim, eu li.

EP - Ele escreveu, ele foi meu mestre na escola, depois ele foi nomeado em Abomé, como diretor de escola. Mas ele pegou contato com as pessoas. Nós lhe falamos desse negócio, ele escreveu, ele se fez um renome.

MG - Ele foi seu mestre na escola quando o senhor era diretor?

EP - Não, não, quando eu era estudante.

MG - Quando o senhor era estudante.

EP - De doze anos. Eu tinha doze anos em Uidá. Ele era diretor de escola e ele ensinava na classe do certificado de estudo.

MG - Eu pensava que ele era mais jovem que o senhor. Então, atualmente, será que o padre (???)²⁸ pode escrever (???)²⁹. Ele não pode escrever, ele não está vivo. Ele ainda está vivo?

EP - (???)³⁰

MG - Não, Paul Hazoumè.

EP - Não, ele morreu.

MG - Ele morreu, tem tempo, não?

EP - Não, alguém escreveu que a época em que...

²⁷ Idem.

²⁸ Idem.

²⁹ Idem.

³⁰ Idem.

MG - Ah, bom.

EP - Na época em que nós tínhamos tomado posição contra o deputado Apithy. Ele morreu assim que eu estava sob a pressão da igreja católica.

MG - Euh, alguém de outro escreveu isso. Euh, agora eu compreendo.

EP - O padre (???)³¹ basta fazer a história da igreja católica, então ele procura um pouco mais longe (???)³².

MG - Sim, sim, eu espero revê-lo justamente para obter informações sobre a participação dos brasileiros na igreja católica do Benim. Como é que isso começou, eu sei que a primeira igreja, que está no forte português, eu sei que tinham pessoas lá, pessoas que construíram a capela em Aguê ou por ali.

EP - Se o senhor quiser vê-la depois do almoço, o senhor pega meu carro e vai para lá.

MG - Ah, é gentil, eu contava mesmo ir vê-la, mas talvez não seja o caso de fazer deslocar vosso carro, é do lado não?

EP - Meu chofer está aí.

MG - Ah, bom, é gentil. É *acachané*.

EP - *Acadjamè*.

MG - *Acadjamè*. Ah, sim, eu contava vê-la. Bom, eu paro isso.

FIM

³¹ Idem.

³² Idem.